

## **O cinema como dispositivo de materialização do imaginário e elaboração de futuros Compartilhados**

Palavras-chave: Criação, imaginário, cinema.

**Victória Arruda**; Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais e Brasil;  
vicfreitasarruda@gmail.com.

As produções cinematográficas são compostas por sequências de imagens em movimento que se organizam em dois processos fundamentais: o documental, dedicado ao registro do cotidiano; e o ficcional, vinculado à fabricação de múltiplas realidades construídas no campo do imaginário. Inicialmente, o cinema foi concebido com o intuito de registrar a realidade tal como ela é, como evidenciam os filmes dos irmãos Lumière, que seguiam uma vertente realista e documental ao registrar cenas externas do cotidiano (Costa, 2006; Bazin, 2018). Em oposição, Georges Méliès introduziu o cinema ficcional, criando mundos que transcendem as representações tradicionais da realidade concreta, utilizando trucagens, efeitos especiais e cenários estilizados para compor suas ficções especulativas (Costa, 2006).

Contudo, a linguagem cinematográfica não se limita a uma separação rígida entre documentário e ficção. Ela integra processos de registro e de fabricação de imagens, mesclando cenas documentais em ficções e elementos ficcionais em documentários, produzindo diferentes formas de representar e elaborar realidades cinematográficas (Costa, 2006). Essa hibridização revela o cinema como um campo de criação e experimentação, capaz de especular futuros e elaborar diegeses que não apenas reproduzem a realidade concreta, mas a expandem em direção a mundos possíveis.

Nesse contexto, o problema estudado refere-se à compreensão do cinema como prática artística e projetual<sup>1</sup> capaz de criar futuros compartilhados a partir da potência do

---

<sup>1</sup> Neste contexto, consideramos prática projetual a capacidade de projetar realidades diegéticas que não existem, mas potencialmente realizáveis. O cinema configura-se como uma prática projetual na medida que não se limita ao registro do passado e do presente, criando, elaborando e projetando mundos possíveis.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

imaginário. Considerando os limites da categorização tradicional entre ficção e documentário, investiga-se como o cinema opera como dispositivo especulativo, elaborando realidades alternativas por meio da imagem em movimento. Tal abordagem exige uma reflexão sobre o papel do imaginário na constituição dessas realidades.

Compreender o imaginário torna-se, assim, fundamental. O imaginário constitui o campo da imaginação entendida como faculdade criativa, ou seja, a capacidade da consciência de produzir imagens (Sartre, 1996; Aumont, 2002). Para Sartre (1996), a imagem não é um conteúdo armazenado, mas um ato intencional da consciência imaginante, que se apresenta de forma total, inteira e instantânea. O ato de imaginar atribui forma de existência àquilo que está ausente, concedendo-lhe presença no campo do imaginário.

Já Durand (2012) entende o imaginário como um conjunto de imagens que atravessa gerações, moldando nossa maneira de expressar, pensar e sentir. Para o autor, a imaginação é uma potência dinâmica, capaz de modificar, deformar e reorganizar percepções, fundamentando a cultura e a própria condição humana. Portanto, o imaginário não se configura como cópia inferior da realidade concreta, tampouco como fuga, mas como um modo legítimo de se relacionar com o mundo, criando sentidos, narrativas e realidades diegéticas possíveis.

No cinema, ao assistir a um filme, o espectador vivencia imagens que não possuem presença física no aqui e agora, mas que se manifestam como experiências plenas de sentido, emoção e realidade fenomenológica. Trata-se exatamente do que Sartre descreve como consciência imaginante: um movimento intencional que faz existir aquilo que está ausente na realidade concreta. Assim, o cinema convida o espectador a experimentar outras realidades, que, embora fictícias, tornam-se fenomenologicamente reais no campo da experiência. É nesse sentido que “a diegese de uma obra de ficção é um mundo imaginário” (Aumont; Marie, 2006, p.164).

Para além de entretenimento, o cinema configura-se como prática projetual que especula futuros possíveis. Filmes como *Viagem à Lua* (1902), de Méliès, exemplificam a ficção especulativa que antecipa questões científicas, sociais e culturais, ampliando os horizontes da imaginação coletiva. A criação cinematográfica opera como prática estética

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

que não apenas representa mundos, mas também os inventa, contribuindo para a construção de futuros compartilhados. Essa perspectiva aproxima o cinema das poéticas projetuais contemporâneas, que reconhecem a criação como prática inserida em um tecido relacional dinâmico, no qual forças biológicas, técnicas, políticas e afetivas se entrelaçam e se transformam mutuamente.

Compreender o cinema como dispositivo especulativo implica reconhecer que suas imagens transfiguradas, verossímeis ou impossíveis, inventadas e reinventadas, revelam a potência da imaginação humana em criar futuros. O cinema projeta desejos, sonhos, medos e distopias, funcionando como prática poética que materializa o não-presente em narrativas sensíveis e esteticamente verdadeiras. Nesse processo, as produções fílmicas não apenas reproduzem a realidade factual, mas também contestam suas estruturas objetivas, propondo alternativas imaginárias que podem inspirar novas formas de perceber e habitar o mundo.

Na perspectiva do cinema, a criação de mundos possíveis articula-se como prática especulativa que expande percepções e produz realidades diegéticas capazes de regenerar sentidos, ampliar imaginários sociais e propor futuros compartilhados. Ao apresentar ficções utópicas ou distópicas, o cinema elabora narrativas que reconfiguram as relações entre humanos, materialidades, ecossistemas e entidades não humanas, tensionando os limites do real e do possível. Nesse sentido, o cinema obedece mais às leis da mente do que às estruturas objetivas da realidade factual, como aponta Munsterberg (1983 *apud* Garcia; Medeiros, 2017).

A relevância deste estudo reside na necessidade de reconhecer o cinema como uma ferramenta potente para a criação de futuros compartilhados em tempos marcados por colapsos ambientais, sociais e culturais. Para além de seu papel como entretenimento, o cinema deve ser compreendido como um dispositivo ético, estético e político, capaz de reconfigurar as formas de habitar o mundo e de promover alternativas sensíveis frente às crises contemporâneas. O presente estudo é derivado da pesquisa de doutoramento da autora, que procura investigar as funções das cores e da sua ausência como elemento estético visual expressivo no processo de criação – construção, desconstrução e reconstrução – das diegeses e das narrativas visuais no gênero de ficção científica.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O objetivo deste estudo é investigar de que modo o cinema, por meio da criação ficcional no cinema e da imaginação especulativa, contribui para a construção de futuros possíveis. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. O estudo utiliza autores que discutem o imaginário, a linguagem cinematográfica e o potencial especulativo da arte. A análise concentra-se no cinema como prática estética, ética e projetual, visando compreender como o cinema constrói e propõe realidades alternativas por meio de suas estratégias formais, narrativas e simbólicas.

Os resultados apontam que o cinema é um dispositivo híbrido e especulativo que vai além da simples reprodução da realidade. Filmes como *Viagem à Lua* (1902), de Méliès, exemplificam a ficção especulativa como prática criativa que antecipa questões científicas, sociais e culturais, ampliando os horizontes da imaginação coletiva. Ao assistir a um filme, o espectador vivencia imagens que não possuem presença física, mas que se manifestam como experiências plenas de sentido e emoção. Trata-se do que Sartre (1996) denomina consciência imaginante: um movimento intencional que faz existir aquilo que está ausente. Nesse sentido, o cinema projeta desejos, sonhos e distopias, funcionando como prática poética que materializa o não-presente em narrativas sensíveis e esteticamente verdadeiras.

Conclui-se, portanto, que o cinema, ao criar diegeses que transcendem a realidade concreta, revela sua potência especulativa para reinventar existências, relações e ecologias. Ele se configura como prática estética que amplia percepções, reorganiza sensibilidades e propõe novas formas de convivência entre humanos, materialidades, ecossistemas e entidades não humanas. Assim, pensar o cinema como prática projetual implica reconhecê-lo como dispositivo fundamental na produção de futuros compartilhados, capaz de sensibilizar para uma ética do cuidado, da regeneração e da interdependência.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. O cinema entre o real e o imaginário. *Revista USP*, São Paulo, n. 125, p. 89–98, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/173078>. Acesso em: 18 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i125p89-98>.

ALMEIDA, Rogério de; OLIVEIRA, Juliana Michelli da Silva. Contribuições do pensamento complexo de Edgar Morin aos estudos do imaginário. *Simbiótica: Revista Eletrônica*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 75–91, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/32594>. Acesso em: 14 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.47456/simbiotica.v7i2.32594>.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. São Paulo: Papirus, 2003.

BAZIN, André. **O que é o cinema?** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 17–52.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GARCIA, Demian; MEDEIROS, André Aparecido. **A estética do imaginário no cinema: entre o registro documental e o ficcional**. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 22, p. 94–101, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/24295>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1996.